

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

REGIÃO SUL - OCUPAÇÃO TERRITORIAL NO PERÍODO DE 1950-1970

José Celso Bortoluzzi da Silveira
Boletim Gaúcho de Geografia, 12: 5-35, maio, 1984.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37785/24373>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1984

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

REGIÃO SUL

OCUPAÇÃO TERRITORIAL NO PERÍODO DE 1950-1970.

José Celso Bortoluzzi da Silveira*

INTRODUÇÃO:

A Região Sul é formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo a única Região do Brasil localizada fora da faixa climática tropical.

A Região está localizada entre os paralelos de 22° 30' e 33° 45' S e delimitada pelo meridiano de 48° 02' e 57° 41' O. A Região ocupa uma área de 577.723 km², representando 6,8% do território nacional. Engloba 717 municípios, agrupados em 64 microrregiões homogêneas.

O seu território apresenta paisagens diversificadas, resultantes das condições naturais e do processo cultural de ocupação do espaço.

O assunto aqui abordado é consequência de um estudo baseado em fontes de dados secundários e de observação de campo.

Da bibliografia utilizada, foi amplamente consultada a Divisão do Brasil em Microrregiões Homogêneas, bem como os Censos Demográficos de 1950-60-70, para os estados da Região.

Na elaboração deste trabalho consideramos dois aspectos populacionais: densidade demográfica e grau de urbanização. Estes aspectos encontram-se relacionados com a base física do espaço onde se localizam, bem como com as características culturais predominantes na área ocupada.

* Da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção de Porto Alegre.

Geógrafo do Departamento de Recursos Humanos da Sudesul.

As opiniões expressas são da responsabilidade do autor.

Para facilidade de visualização e análise, foram desenhados seis cartogramas da região, na escala de 1 : 1,000.000 (depois reduzidos para 1 : 5.000.000), com a divisão microrregional referente aos Censos Demográficos de 1950-60-70.

Nos cartogramas foram lançados os dados sobre densidade demográfica e grau de urbanização.

A observação de campo foi realizada em seis viagens, com percurso terrestre, efetuadas entre 1970-76, como segue:

- a) 1970-72-74: Porto Alegre, Litoral Catarinense, Vale do Itajaí, Curitiba, Foz do Iguaçu (realizada no verão);
- b) 1973: Porto Alegre, Irajá, Xanxerê, Lages, Vale do Itajaí, Florianópolis, Porto Alegre (realizada no verão);
- c) 1975: Porto Alegre, Erechim, Concórdia, Lages, Vacaria, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Foz do Iguaçu, Porto Alegre (realizada no verão).

Esses roteiros foram documentados fotograficamente, fornecendo valiosas informações, resultantes da observação de campo sobre as áreas transcorridas.

Numa comparação entre a situação populacional existente em 1950 e a verificada em 1970, constata-se a importância dos fluxos migratórios no desbravamento do território e ocupação efetiva do espaço regional. É o que se apresenta a seguir.

1 - DENSIDADE DEMOGRÁFICA:

1.1 - OCUPAÇÃO NA DÉCADA DE 50:

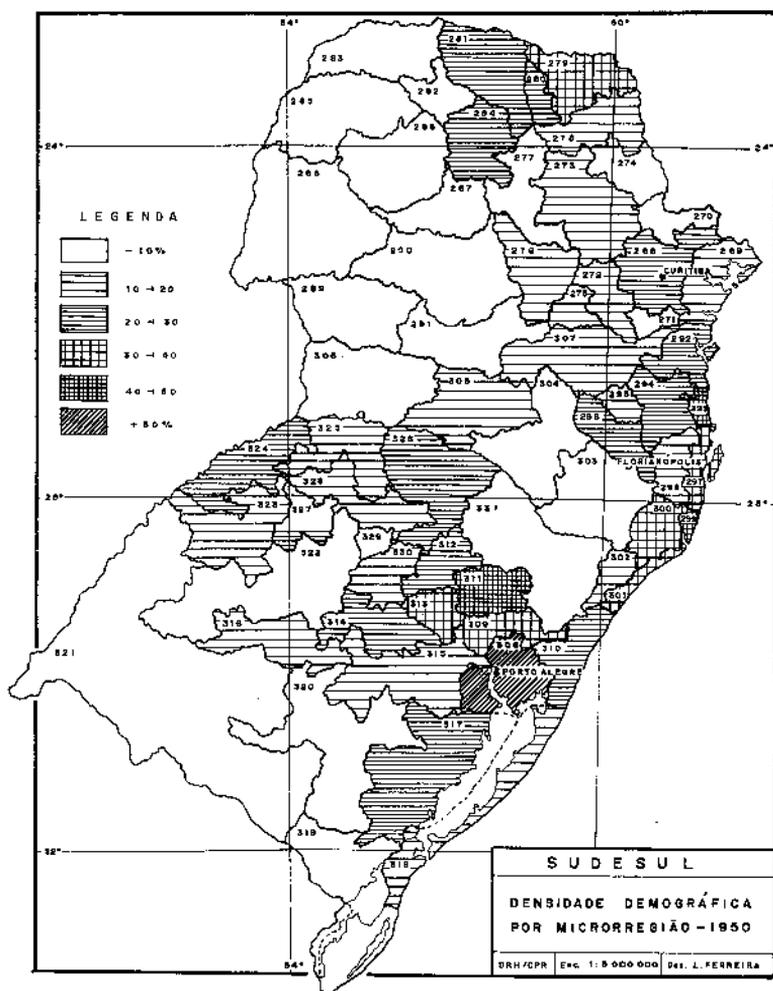
Nesta década, visualizavam-se grandes espaços vazios na Região Sul, considerando-se como tal as áreas que apresentavam uma presença populacional inferior a 10 hab/km².

Orientando-nos por este critério, constatou-se que no Rio Grande do Sul, as microrregiões da Campanha, da Lagoa Mirim e do Alto Camaquã, contavam com menos de 10 hab/km². São em geral áreas com pecuária extensiva e lavoura de arroz. Na porção centro-noroeste do Estado, a MR Triticuladora de Cruz Alta, igualmente apresentava baixa relação entre os habitantes e a área ocupada. Tratam-se de terras localizadas no planalto, com matas, campos e pecuária. Só vinte anos após - 1970 - apresentará uma relação de 10 hab/km². Ainda no Rio Grande do Sul, os campos localizados no Planalto Meridional, conhecidos como Campos de Vacaria, estendem-se pelo Estado de Santa Catarina, através dos Campos de Lages e de Curitibaanos, formando uma grande área de campos entremeados por matas de pinheiros (*Araucária Angustifolia*), que até 1970 serão praticamente erradicadas.

Trata-se de típica área de pecuária que evoluirá também para a agricultura, especialmente nos Campos de Curitibaanos na década de 60 e, na seguinte, a MR dos Campos de Lages passa a ter mais de 10 hab/km², o que é uma densidade baixa se comparada com a média regional; em que tratando porém de área com pecuária, tal relação habitante-área é bem razoável.

Destas áreas de campos, homogêneas do ponto de vista paisagístico, entre 1950-70, só a área de Vacaria continuará com densidade inferior a dez, ou seja, permanece o vazio populacional.

Outra área que em 1950 apresentava-se como vazio demográfico é a representada pela MR Colonial do Oeste Catarinense, área de matas e ocupada principalmente por colonos (migrantes) gaúchos procedentes da região do Alto Rio Uruguai.



No Paraná, cerca da metade do seu território possuía menos de 10 hab/km² em 1950. Com efeito, traçando-se uma diagonal entre as cidades de Mallet, ao sul e Mandaguari ao Norte, delimitamos duas situações demográficas distintas: a leste desta linha, temos as regiões povoadas e a oeste, os grandes espaços vazios, representados pelas áreas cobertas de matas latifoliadas subtropicais e com bosques de pinheiros.

Trata-se do centro-oeste e noroeste paranaense, que no período de duas décadas, ultrapassará demograficamente as outras áreas da Região Sul, em vista do recebimento de fortes contingentes migratórios que receberão.

As microrregiões do Alto da Ribeira e dos Campos de Jaguariaíva à nordeste do Estado, também representavam vazios populacionais.

Na porção litorânea, as densidades maiores (+ de 50 hab/km²) encontravam-se em Santa Catarina, especialmente nas microrregiões de Itajaí, ao norte e de Laguna, ao sul, esta, vizinha à região Carboneira do Estado, com densidade demográfica variando de 40 a 50 hab/km².

Quanto ao litoral do Paraná e do Rio Grande do Sul, ambos apresentavam baixo indicador de ocupação territorial (entre 10 e 30 hab/km²).

A MR de Porto Alegre, na década de 50 é a que apresenta a maior densidade na Região Sul. As microrregiões mais próximas deste indicador eram a Vinicultora de Caxias do Sul, a de Itajaí e a de Laguna, todas com densidades entre 40-50 hab/km².

Curitiba, que na década de 70 alcançaria a densidade de 93,7 hab/km², densidade inferior à existente ao norte daquele Estado, especificamente nas microrregiões do Norte Velho de Jacarezinho, na Algodoeira de Açaí e na do Norte Novo de Londrina.

1.2 - OCUPAÇÃO NA DÉCADA DE 60:

Neste período começa-se a visualizar uma tendência da ocupação territorial que seria consolidada na década seguinte, fruto dos fluxos migratórios intensos registrados na Região Sul, especialmente no oeste de Santa Catarina e no Paraná, nas áreas do sudoeste, oeste e noroeste.

Contudo, nos anos 60, as microrregiões gaúchas, situadas no Alto Uruguai, aumentam de modo geral a densidade demográfica, embora sejam áreas fornecedoras de contingentes migratórios que se dirigem para o oeste catarinense e paranaense. Se por um lado, o fluxo migratório procedente do Rio Grande do Sul num primeiro momento, e a seguir engrossado pelo procedente de Santa Catarina, "perde" ímpeto ao chegar ao oeste do Paraná, concomitantemente, outro fluxo migratório, esse procedente da Região Sudeste, notadamente de São Paulo, penetra pelo norte-noroeste paranaense, ocupando mais densamente aquela parcela do território do Paraná.

No Rio Grande do Sul, as microrregiões consideradas como vazios demográficos, com menos de 10 hab/km², permaneceram como na década anterior (Lagoa Mirim, Alto Camaquã, Triticulora de Cruz Alta e Campos de Vacaria).

No período intercensitário de 50-60, não apresentavam sensível alteração populacional as seguintes microrregiões: Colonial das Missões, de Soledade, Vale do Jacuí, Lagoa dos Patos, toda a região litorânea e a Colonial do Alto Taquari. Todas apresentavam baixa densidade demográfica (10 a 30 hab/km²).

As microrregiões com densidade média (30 a 50 hab/km²) no Rio Grande do Sul eram: Fumicultora de Santa Cruz, Colonial do Baixo Taquari, Vinicultora de Caxias do Sul e Colonial da Encosta da Serra, vizinha à MR de Porto Alegre, com alta densidade, ou seja, mais de 50 hab/km².

Em Santa Catarina, apenas a MR dos Campos de Lages, contíguos aos de Vacaria no Rio Grande do Sul, permaneceu como vazio populacional.

A MR Colonial do Oeste Catarinense, bem como a dos Campos de Curitiba perderam a classificação de "vazio", pois a apresentaram mais de 10 hab/km². Juntamente com a MR Colonial do Rio do Peixe que de certa forma é uma extensão da Colonial de Erechim (RS), situam-se entre as áreas com baixa densidade (10 a 30 hab/km²). Mesmo assim, a Colonial do Rio do Peixe registrou maior concentração populacional que na década anterior.

A porção litorânea catarinense, com exceção do litoral sul, encontra-se entre as áreas de maiores concentrações de população. Constam desta faixa de terra, as microrregiões do Litoral de Laguna, de Florianópolis e Litoral de Itajaí, todas com mais de 50 hab/km².

Também apresentaram evolução populacional as microrregiões: Colonial de Joinville, de Blumenau e Itajaí do Norte, todas com densidade média de 30 a 50 hab/km².

A MR de Canoinhas não apresentou alteração sensível no seu quadro demográfico.

No Paraná houve grande avanço populacional no que tange à ocupação do território. Reduziu-se desta forma o número de microrregiões consideradas como vazios demográficos.

Na década de 60, constaram-se nessa situação as seguintes áreas: Médio Iguaçu, Campos de Guarapuava, Pitanga, Alto Ivaí e o Extremo Oeste Paranaense, além do Alto da Ribeira e dos Campos de Jaguairiava a nordeste do Estado.

Áreas anteriormente consideradas demograficamente inexpressivas (menos de 10 hab/km²), tais como Campo Mourão e o Norte Novíssimo de Umuarama, adquiriram uma posição de regiões com baixa densidade (10 a 30 hab/km²).

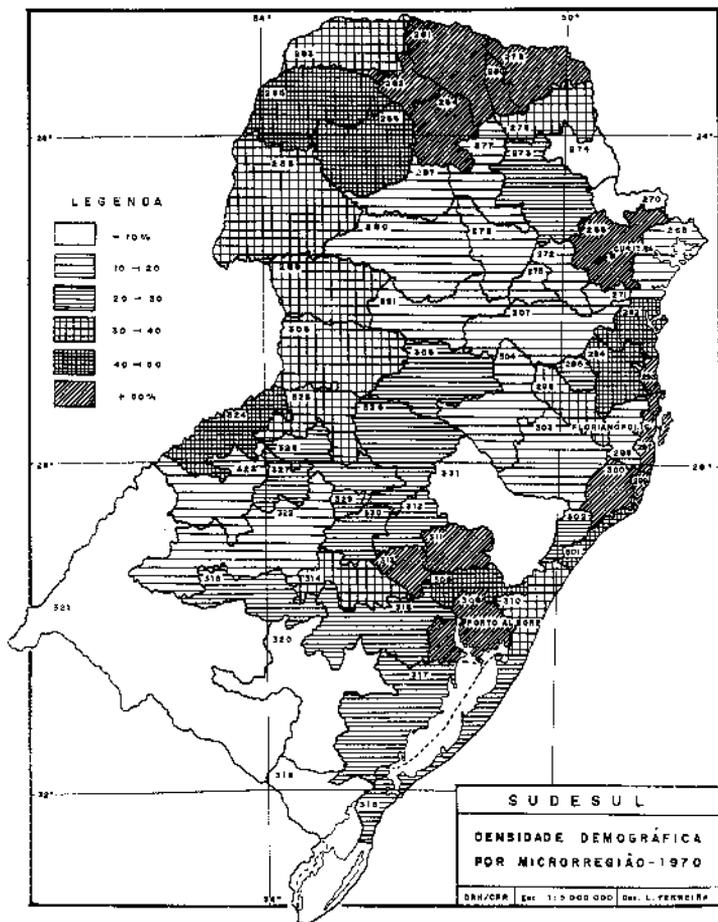
As densidades médias (30 a 50 hab/km²) foram registradas nas microrregiões do Norte Novíssimo de Paranavaí, Norte Novo de Apucarana e Norte Velho de Jacarezinho.

As maiores densidades localizam-se na MR de Curitiba e ao norte do Estado, na região do café, pois aí localizam-se as migrorregiões do Norte Novo de Londrina, Norte Novo de Maringá e Algodoeira de Açaí.

1.3 - OCUPAÇÃO NA DÉCADA DE 70:

Comparando-se os adensamentos humanos existentes nesta década com os de 1950, constata-se, de imediato, as modificações ocorridas nesses vinte anos.

É fato que houve redução na quantidade de áreas pouco povoadas, mas o que merece maior destaque é a grande elevação dos adensamentos populacionais do oeste de Santa Catarina e do Paraná, além do norte deste Estado.



Iniciando as análises pelos espaços vazios, constata-se que o Rio Grande do Sul é o Estado que apresentou as maiores áreas nessas condições. Enquadram-se nesta situação as microrregiões da Campanha, da Lagoa Mirim e do Alto Camaquã, formando uma faixa de terra com mais de 150 km de largura e pouco povoada ao longo da fronteira com a Argentina, tendo a MR da Campanha, nesta parte, largura mínima de 80 km, onde a densidade demográfica é inferior a 10 hab/km².

Em situação geográfica oposta à Campanha, encontra-se a MR dos Campos de Vacaria que apresentou também características de vazios demográficos.

Fora do Rio Grande do Sul, só o Paraná possuía ainda duas microrregiões com vazios populacionais: a de Campos de Jaguariva e do Alto da Ribeira.

A maior parte das microrregiões do Rio Grande do Sul apresentavam baixas densidades (10 a 30 hab/km²). Apenas uma MR apresentou densidade média (30 a 50 hab/km²) ou seja, a Colonial de Santa Rosa, com 44 hab/km². Trata-se de área liberadora de mão-de-obra para o oeste de Santa Catarina e do Paraná.

A partir da Colonial de Santa Rosa, toda a região fronteira com a Argentina e o Paraguai apresentou densidade demográfica acima de 30 hab/km², caracterizando fortemente a Região Sul como a única das regiões brasileiras que possui fronteira viva.

Partindo da região do Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul, verifica-se o alto grau de ocupação do território ocorrido em duas décadas, especialmente na microrregião Colonial do Oeste Catarinense, no Sudoeste e no Extremo Oeste Paranaense, em Campo Mourão, Norte Novíssimo de Umuarama e de Paranaíba, estes últimos tendo recebido forte influência migratória do sudeste e nordeste brasileiro.

O maior número de microrregiões que apresentaram altos adensamentos demográficos (50 hab/km² e mais) situam-se ao norte do Estado do Paraná, ou seja: Norte Novo de Maringá, Norte Novo de Londrina, Norte Novo de Apucarana, Algodoeira de Açaí e Norte Velho de Jacarezinho, além da MR de Curitiba, que sendo região metropolitana, por fatores intrínsecos age como pólo de atração de contingentes migratórios.

Em Santa Catarina, as altas densidades demográficas encontram-se nas microrregiões do Litoral de Itajaí, Florianópolis, Litoral de Laguna e na Carbonífera, comportamento único na Região Sul, pois as maiores densidades dos outros estados localizam-se em áreas que independentemente de altitude, encontram-se distantes cerca de cem quilômetros da orla atlântica.

No Rio Grande do Sul destacam-se três microrregiões com altas densidades: a de Porto Alegre com 288 hab/km² (Curitiba: 93,7 e Florianópolis com 96,6), Vinicultrora de Caxias do Sul e Colonial do Baixo Taquari, ambas com pouco mais de 50 pessoas por km².

2 - GRAU DE URBANIZAÇÃO:

2.1 - CONSIDERAÇÕES GERAIS:

No quadro demográfico regional, o Estado do Rio Grande do Sul, há mais de duas décadas, vêm mantendo a dianteira sobre os demais Estados quanto ao aspecto da urbanização. Observando-se o grau de urbanização a partir de 1950, constatamos que o processo dos fluxos migratórios procedentes do meio rural, em busca das cidades, havia sido desencadeado na década de 40, não só na Região Sul, como no Brasil em geral, como resultado da industrialização emergente. A partir de então, o processo consolidou-se.

Em 1950, enquanto o Estado gaúcho apresentava um grau de urbanização equivalente a 34%, o Paraná chegava a 25% e Santa Catarina, a 23%.

No Censo Demográfico de 1970, todas as unidades estaduais da Região Sul haviam apresentado uma evolução no grau de urbanização, sendo que o Rio Grande do Sul mantinha a dianteira, com mais da metade de sua população radicada em ambientes "urbanos".

Cabe ressaltar que no Censo Demográfico, "ambientes urbanos" são considerados em sentido amplo, uma vez que são nivelados os núcleos "urbanos" de reduzida população, onde praticamente inexistem equipamentos urbanos e os centros populacionais com alto índice de equipamentos próprios das cidades.

T A B E L A I

REGIÃO SUL: GRAU DE URBANIZAÇÃO POR ESTADOS
DA REGIÃO, NAS DATAS DOS CENSOS DEMOGRÁFICOS
DE 1950 A 70, EM %

Estado	Censos	1950	1960	1970
Paraná		25	31	36
Santa Catarina		23	32	43
Rio Grande do Sul		34	45	53
Região Sul		27	36	44
Brasil				

FONTE: F. IBGE. Censos Demográficos.

Exemplificando, é difícil considerar-se como "cidade" o grupo de 175 pessoas que em 1970 residiam na sede do município de David Canabarro, localizado na MR Colonial do Alto Taquari (RS), município que possui 97% dos seus habitantes radicados no meio rural, onde de todas as atividades encontram-se orientadas para as atividades agrícolas e a cidade de Guaporé, na mesma MR, mas com 6 940 habitantes na sede municipal e com 67% dos moradores estabelecidos no quadro rural, isso para não adotarmos situações mais extremas.

A simples comparação entre os dois núcleos "urbanos" da mesma MR fornece dados sobre a fragilidade do conceito de cidade utilizado no Censo Demográfico e como tal considerado. Todavia, esse é o critério adotado e sobre ele trabalhamos.

Enquanto no Rio Grande do Sul, em 1970, 53% da população encontrava-se em "cidades", Santa Catarina era o segundo Estado que apresentava maiores percentuais de habitantes nos centros urbanos (43%), ficando o Paraná com a maior parte da sua população situada no meio rural (64%) e pouco mais de um terço radicada em quadros domiciliares urbanos.

2.2 - GRAU DE URBANIZAÇÃO EM 1950:

2.2.1 - O Rio Grande do Sul:

Ao observar-se o cartograma que aborda este indicador, a primeira constatação visual é a da MR da Campanha que apresentava alto grau de urbanização (mais de 50%) e que, no entanto, é considerada como área de vazio demográfico. A atividade econômica predominante estava relacionada essencialmente com o setor primário (pecuária e lavoura).

Mesmo que nos anos cinqüenta o grau de mecanização da lavoura permanecesse baixo, a maior parcela da população já se encontrava nos centros citadinos, uma vez que a pecuária ocupa pouca mão-de-obra e a lavoura ainda não apresentava grande importância na área, embora agregue uma quantidade maior de mão-de-obra em relação à pecuária extensiva.

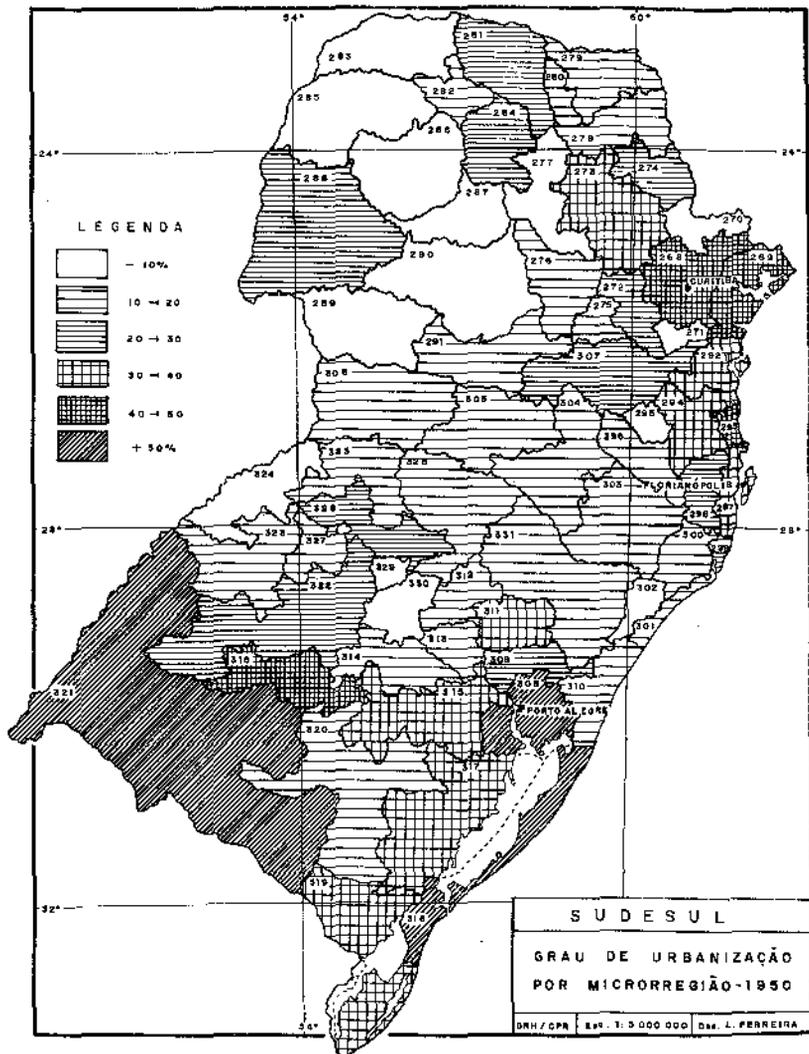
As atividades lavoureiras passaram a deter especial importância na década de 70, quando a mecanização foi introduzida com vigor na Campanha.

Nesta MR, as cidades de Bagé, Santana do Livramento e Uruguaiânia apresentavam o maior grau de urbanização, além de possuírem o maior número de habitantes.

Outra área que em 1950 apresentava baixa densidade demográfica é a MR do Litoral Oriental da Lagoa dos Patos, em função da cidade de Rio Grande. Essa cidade, centro comercial e industrial, além de exercer significativa influência devido ao maior porto do Estado aí localizado, eleva o grau de urbanização de toda a área.

Dessa forma, 85% da população da MR estava radicada principalmente na sede municipal. Por outro lado, 91% dos habitantes de São José do Norte, o outro município integrante da MR, situado ao norte da Barra de Rio Grande, encontrava-se no meio rural, ocupados com a criação de ovinos, bovinos e o cultivo de cebola, na planície arenosa que domina a paisagem.

A MR de Porto Alegre, devido à função de capital de Estado, exercida pela principal cidade da micro, inegavelmente age como irmã na atração de significativos contingentes migratórios, tanto do interior gaúcho, como de elementos procedentes do Estado catariense.



Convém ressaltar que além de importante centro comercial e industrial que é, possui um dos maiores portos fluviais do Brasil, muito ativo nos anos cinquenta (nas décadas seguintes, desempenhara papel secundário na comercialização, em proveito do porto de Rio Grande que será consolidado nos anos setenta, como um dos principais da Região Sul para a entrada e saída de mercadorias, ao lado do porto de Paranaguá. Ambos possuem também função geopolítica destacada no sul do país).

Na MR de Santa Maria, o grau de urbanização era de 42,9%. O principal centro urbano é a própria cidade de Santa Maria, com cerca de 58% da sua população residindo no meio urbano. A MR localiza-se na Depressão Central do Estado, centralizando vias de transporte rodo-ferroviário, além de sediar importante universidade e diversas unidades militares, de âmbito estadual e nacional.

As microrregiões que seguem, apresentavam grau de urbanização entre 30 e 40%. São: Vinicultora de Caxias do Sul, numa área com predominância de atividades inerentes ao setor agrícola, notadamente o cultivo da vinha e seu conseqüente beneficiamento, bem como detentora de um parque industrial têxtil e metalúrgico, complementado por indústrias do ramo alimentar e de cooperativas e demais empresas voltadas para a produção de vinho.

A cidade pólo da MR é Caxias do Sul, que eleva o grau de urbanização da área onde está sediada. É seguida de longe, por Bento Gonçalves (30%), que nesta época apresentava a metade do grau de urbanização de Caxias do Sul, situado em 60%.

A MR do Vale do Jacuí, na Depressão Central do Estado, tinha sua atividade principal concentrada no cultivo de arroz e na pecuária. O centro mais dinâmico da área é Cachoeira do Sul, com o maior número de habitantes. Contudo, 72% da população do município habitava o meio rural.

A cidade que possuía maior grau de urbanização dessa MR era São Jerônimo (44%), onde dominam as atividades relacionadas com a extração de carvão mineral.

A MR da Lagoa dos Patos também situa-se entre as que apresentavam grau de urbanização entre 30 e 40%. Aqui havia diversificação de atividades: lavoura, com arroz e fruticultura; pecuária, com rebanhos de ovinos e bovinos; indústria orientada para o beneficiamento dos produtos da lavoura, destacando-se a produção de doces em calda.

Pelotas é o centro mais importante da área, possuindo o principal parque industrial local, sendo detentora de um porto fluvial construído no Canal do São Gonçalo, via de ligação entre a Lagoa dos Patos. Evidentemente, Pelotas possuía a mais elevada urbanização da MR (64%), enquanto as demais unidades da MR apresentavam níveis de urbanização situados entre 10 e pouco mais de 20%.

T A B E L A 2

RIO GRANDE DO SUL: GRAU DE URBANIZAÇÃO E DENSIDADE
DEMOGRÁFICA, POR MICRORREGIÃO, NA DATA
DOS CENSOS DE 1950-70

MICRORREGIÕES	GRAU DE URBANIZAÇÃO			DENSIDADE DEMOGRÁFICA		
	1950	1960	1970	1950	1960	1970
308 - Porto Alegre	73,4	82,9	91,6	88,9	154,1	288,4
309 - Colonial Encosta da Serra	22,1	32,0	37,0	38,0	42,3	46,1
310 - Litoral Setentrional do RS	12,6	24,9	31,4	26,4	27,7	31,4
311 - Vinicultora de C. do Sul	37,4	49,0	58,5	41,5	45,7	59,3
312 - Colonial Alto Taquari	16,5	17,3	18,5	23,6	26,5	27,6
313 - Colonial Baixo Taquari	14,8	23,1	27,3	38,6	44,6	50,1
314 - Fumicultora de Santa Cruz	15,3	20,6	26,2	29,4	33,1	36,9
315 - Vale do Jacuí	30,8	45,3	48,8	15,8	17,8	20,4
316 - Santa Maria	42,9	49,4	60,1	19,8	24,3	28,8
317 - Lagoa dos Patos	35,8	43,9	49,4	20,4	24,3	28,2
318 - Litoral Oriental da L. Patos	67,8	72,4	73,6	15,3	19,2	22,4
319 - Lagoa Mirim	39,3	47,4	55,1	4,6	5,0	5,9
320 - Alto Camaquã	12,3	19,2	27,0	6,7	7,5	8,0
321 - Campanha	50,6	62,1	67,0	6,3	7,5	8,8
322 - Triticulora de Cruz Alta	29,1	44,7	52,5	7,8	8,7	10,0
323 - Colonial das Missões	18,3	34,1	38,6	13,0	14,3	18,0
324 - Colonial Santa Rosa	7,3	16,4	16,8	27,3	39,0	44,2
325 - Colonial Iraí	10,5	15,2	16,8	18,5	29,8	39,0
326 - Colonial de Erechim	17,8	23,5	26,3	27,4	26,8	28,7
327 - Colonial de Ijuí	19,1	31,1	41,5	22,8	23,7	27,9
328 - Passo Fundo	22,3	47,4	53,9	18,3	22,7	29,9
329 - Colonial Alto Jacuí	-	25,2	27,0	-	24,3	25,5
330 - Soledade	7,5	16,0	22,6	16,2	18,0	20,9
331 - Vacaria	14,4	27,7	35,7	8,3	8,7	9,4

FONTE: F. IBGE. Censos Demográficos.

Na MR da Lagoa Mirim, os quatro municípios que a compõem, possuíam cada um, menos de vinte mil habitantes. O maior grau de urbanização pertencia à Jaguarão, cidade localizada na fronteira com o Uruguai, centro comercial e pecuarista do pampa.

Quanto à relação habitante-área, esta MR é considerada como vazio demográfico.

As atividades que predominavam eram as pecuaristas, com rebanhos de ovinos e bovinos.

As terras são baixas, com predominância de pastagens naturais, em grandes planuras, o pampa. É a MR localizada na posição mais meridional do Brasil. Une-se à da Campanha, à do Alto Camaquã e à MR do Litoral Oriental da Lagoa dos Patos, formando uma imensa área, superior a 116.000 km², onde predominam lavouras e pecuária, correspondendo a cerca de 44% da área terrestre do Estado gaúcho.

As seguintes microrregiões apresentavam graus de urbanização oscilando entre 20 e 30%, sendo: Colonial do Alto Jacuí, de Passo Fundo, e Triticulora de Cruz Alta. Estas microrregiões estão localizadas no Planalto Meridional, ocupando terras na direção ao norte do Estado, até a MR Colonial de Iraí.

Trata-se de uma área onde ocorrem atividades ligadas à agricultura, com trigo e soja na Triticulora de Cruz Alta, em Passo Fundo e na MR Colonial de Iraí. Nas áreas coloniais encontramos a policultura tradicional, além da pecuária, com destaque para bovinos e suínos. Em Passo Fundo destaca-se a extração madeireira (pinheiro) e seu respectivo beneficiamento.

A MR Triticulora de Cruz Alta apresentava um grau de urbanização de 29%. O município mais populoso é o de Cruz Alta, predominando o cultivo do trigo, a lavoura mais antiga, concorrendo com a recente chegada da soja, esta, exercendo profundas modificações nos hábitos dos pequenos proprietários que estão abandonando as lavouras policultoras, para dedicarem-se à monocultura dessa leguminosa, quando não vendem suas terras e migram.

Destacando-se o município de Cruz Alta com atividades lavoureiras, os demais atêm-se à pecuária. Mesmo sendo área criatória, o grau de urbanização encontrava-se baixo em relação àquele obtido pela região da Campanha, cuja atividade primordial é a criação de ovinos e bovinos. Registra-se portanto, uma concentração urbana menor que a existente na campanha gaúcha.

A MR de Passo Fundo caracteriza-se pelas atividades de pecuária e lavoura, além de ser importante centro madeireiro, especializando em desdobrar toras de pinho.

Na agricultura, os produtos mais importantes são o trigo e a soja, que merecerão maiores destaques ao correr dos anos.

As outras microrregiões do Estado do Rio Grande do Sul, possuíam menos de 20% de grau de urbanização.

A MR de Soledade situava-se abaixo dos 10%, juntamente com a MR Colonial de Santa Rosa, que contava com 92% dos seus habitantes (231 820) residindo no meio rural e desenvolvendo a típica policultura, fruto da influência da colonização de origem européia, introduzida ao norte do Estado, ao longo da curvatura do rio Uruguai, a partir do início do século atual.

A MR Colonial do Alto Jacuí, resulta da compartimentação de outras áreas. Na década de 70, essa MR possuía 34 mil habitantes e um grau de urbanização de 27%.

Tratando-se de região colonial por excelência, seu contingente de mão-de-obra localiza-se basicamente no meio rural.

Na MR Colonial de Iraí, registrava-se baixo grau de urbanização: 10%. Em 1950 contava com dois municípios: Iraí e Sarandí, perfazendo uma área de 5 000 km². Predominavam as lavouras de trigo, juntamente com a policultura de pequena propriedade, característica das áreas de colônia, com a criação de gado bovino e suínos, destinados ao abastecimento local, ao passo que o excedente era comercializado.

Iraí, embora menos populosa que Sarandí, por suas fontes hidrominerais, serve como centro de veraneio e tratamento da saúde.

2.2.2 - SANTA CATARINA:

Neste Estado, as microrregiões que apresentam o maior percentual de urbanização, encontram-se na porção do território voltado para o Atlântico, seja na Planície Costeira, seja na escarpa do Planalto.

Tomando-se o Estado, do Norte para o sul, destacam-se: MR Colonial de Joinville, do Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau e MR de Florianópolis, onde o grau de urbanização situava-se entre 30 a 40%.

A MR Colonial de Joinville ocupa uma parte da Planície Costeira e chega até as escarpas da Serra do Mar. É uma área de típica colonização européia, de origem alemã, ocupada no século passado.

Os produtos mais cultivados na área são o arroz e a cana-de-açúcar, em pequenas propriedades, com uso intensivo de mão-de-obra. Praticam-se também a policultura e a criação de gado leiteiro nas restritas áreas com pastagens, disponíveis para tal mister.

O setor secundário concentra-se em Joinville, destacando-se os ramos de produtos alimentares e têxteis. Possui um porto marítimo importante, localizado na Baía de São Francisco.

A MR Colonial de Blumenau apresenta uma paisagem entremeada de planícies aluvionais ao longo do vale do rio Itajaí e cristas

crystalinas que chegam aos oitocentos metros de altitude. Aqui tam bém a característica humana dominante é a presença de elementos italianos e alemães chegados no século passado.

T A B E L A 3

SANTA CATARINA: GRAU DE URBANIZAÇÃO E DENSIDADE
DEMOGRÁFICA, POR MICRORREGIÃO, NA DATA
DOS CENSOS DE 1950-70

MICRORREGIÕES	GRAU DE URBANIZAÇÃO			DENSIDADE DEMOGRÁFICA		
	1950	1960	1970	1950	1960	1970
292 - Colonial de Joinville	31,6	52,0	69,9	26,1	33,9	48,8
293 - Litoral de Itajaí	42,1	58,1	68,5	48,5	78,5	103,0
294 - Colonial de Blumenau	32,7	39,7	55,9	27,5	37,5	48,2
295 - Colonial do Itajaí do Norte	9,3	16,2	18,6	15,5	20,4	22,7
296 - Colonial do Alto Itajaí	12,4	23,8	30,0	20,8	26,3	31,1
297 - Florianópolis	39,8	53,6	67,5	31,7	68,1	96,6
298 - Colonial Serrana Catarinense	20,3	18,2	6,1	17,6	14,5	16,8
299 - Litoral de Laguna	27,5	44,6	42,6	48,9	66,3	80,0
300 - Carbonífera	18,9	40,7	50,7	37,9	47,1	62,7
301 - Litoral Sul Catarinense	14,5	20,4	28,1	32,2	38,3	46,7
302 - Colonial do Sul Catarinense	5,6	12,0	15,1	17,4	22,7	26,6
303 - Campos de Lages	19,3	40,5	58,7	7,5	9,6	14,5
304 - Campos Curitibanos	10,4	16,9	27,8	7,5	11,4	13,5
305 - Colonial do Rio do Peixe	17,0	26,5	31,3	17,0	20,7	25,7
306 - Colonial do Oeste Catarinense	10,1	18,7	18,8	6,9	17,2	31,4
307 - Planalto de Canoinhas	24,4	34,1	40,4	12,0	13,8	16,8

FONTE: F. IBGE. Censos Demográficos.

A peculiaridade da MR é a policultura e a pequena propriedade, onde cultiva-se arroz, fumo, milho e mandioca.

O excedente da mão-de-obra liberada pela agricultura, condicionada que está ao parcelamento da propriedade, dirige-se para as cidades. O pólo de atração de migrantes é representado pela cidade de Blumenau, com seu parque industrial de produtos alimentares, têxtil e de cerâmica, concentrando a maior parcela produtiva da área.

Na MR do Litoral de Itajaí, a paisagem é representada pela Planície Costeira, ocupada por açorianos, alemães e italianos. Cultiva-se cana-de-açúcar, frutas e cereais. Nesta área a pesca representa atividade ocupacional importante, além de centro de lazer, através das estações de veraneio localizadas em algumas das excelentes praias aí existentes, concentrando grandes contingentes humanos nos meses de verão, principalmente em janeiro e fevereiro. A principal cidade é Itajaí, com seu movimentado porto pesqueiro.

A MR de Florianópolis destaca-se pela função política própria de uma capital de Estado. Nesta década de 50, a influência da capital restringe-se à parte litorânea do Estado, pois as áreas localizadas no Planalto Meridional, comunicam-se com maior facilidade com Porto Alegre ao sul, ou Curitiba, ao norte.

Isso ocorre devido à precariedade das estradas que servem de ligação planalto-planície costeira, no sentido leste-oeste. Em que pese a dificuldade de comunicação terrestre na rota dos paralelos, a estrada no sentido dos meridianos é muito boa.

Na década de 70, a rede de estradas obedecendo a direção geral dos meridianos será ampliada. Partindo do Rio Grande do Sul, com ponto inicial em Porto Alegre, as estradas atravessam o Estado gaúcho em diagonal e chegam ao oeste catarinense e paranaense. Regista-se que nos anos setenta, encontraremos o Estado catarinense com excelente rodovia federal, asfaltada, ligando o oeste do Estado a sua capital, mas isso ainda é futuro em 1950.

Desprovida de parque industrial, a MR de Florianópolis é cercada por um grupo de municípios inexpressivos do ponto de vista sócio-econômico. As principais culturas são: cana-de-açúcar, arroz e frutíferas.

A produção lavoureira é deficiente e as propriedades, de pequeno porte. Praticam-se a pesca, tanto no mar como nas lagoas.

Na MR Colonial Serrana Catarinense, o relevo cristalino é bastante acidentado. Trata-se de área de colonização italiana, com população rarefeita, ocupada em parte, na extração de lenha que destina-se às fábricas têxteis da cidade de Brusque.

Cultiva-se cana-de-açúcar, fumo, milho e um pouco de café. Resumindo, desse grupo de microrregiões, as duas mais importantes são: a Colonial de Joinville e a de Blumenau, com graus de urbanização de 31,6% e 32,7%, respectivamente.

A MR do Planalto de Cancinhas possuía 24,4% de grau de urbanização. Trata-se de área localizada no planalto, onde predominava a

Mata de Araucária, com grandes ervais nativos (*Ilex Paraguaiensis*), entremeados de pastagens.

A ocupação efetiva da região processou-se com a chegada de imigrantes alemães e eslavos que passaram a dedicar-se às atividades extrativas da madeira e da erva-mate.

As culturas mais significativas são as do trigo, centeio e fumo.

O centro urbano mais representativo encontra-se nas cidades gêmeas de Mafra e Rio Negro, a primeira em Santa Catarina e segunda, no Paraná.

Com exceção da MR Colonial de Itajaí do Norte, com 9,3% da sua população residindo em núcleos urbanos, as demais microrregiões do Planalto Meridional situavam-se nos limites de urbanização que variavam de 10 a 20%.

Uma parte destas microrregiões, sob o critério demográfico, representavam vazios populacionais.

Sob a ótica do grau de urbanização, encontramos uma grande área homogênea, partindo do sudoeste paranaense, ocupando todo o planalto catarinense e toda a "curvatura" norte-noroeste do Rio Grande do Sul, a partir da MR Colonial de Iraí, chegando até o Litoral Setentrional do Estado gaúcho.

A partir daí, o mesmo baixo grau de urbanização registrava-se tanto no Litoral Sul Catarinense como na MR Carbonífera de Santa Catarina.

Ainda nesse Estado, registra-se que a MR Colonial do Sul Catarinense apresenta grau de urbanização de 5,6% e baixa relação de habitante/área ocupada.

A MR dos Campos de Lages, localizada no Planalto Meridional, caracteriza-se pela dominância das pastagens naturais, com a ocorrência das Matas de Araucária e de vegetação subtropical.

A ocupação de área procedeu-se através da atividade pastoril extensiva. Evidentemente que a região é um vazio demográfico.

O asfaltamento da BR 116, que atravessa a MR no sentido dos meridianos, deu-lhe especial impulso no seu desenvolvimento.

Devido às baixas temperaturas que geralmente ocorrem nesta região, pratica-se uma fruticultura de clima temperado. Nos anos 60, além das serrarias existentes no local, instalou-se uma indústria de celulose.

Campos de Curitiba é a MR que está situada a noroeste de Lages. Representa uma área de transição entre a paisagem dos Campos de Lages. Representa uma área de transição entre a paisagem dos Campos de Lages e a da MR do Rio do Peixe. Em Campos de Curitiba, além do aspecto fisionômico das pastagens naturais que deram-lhe o nome, dominam as Matas de Araucária. Pratica-se a pecuária

extensiva, tal como em Lages, porém, aqui a importância maior é canalizada para o rebanho suíno. O pinho, após beneficiamento, é exportado, tendo como principal centro estimulador desta atividade, a cidade de Curitiba. Os produtos agrícolas encontram maior apoio em Campos Novos. Cerca de 90% da população desta MR encontra-se no meio rural, enquanto na de Lages, a população rural equivale a 80% do total.

A MR Colonial do Rio do Peixe leva o nome do rio que a atravessa. Sua ocupação data do início do século vinte, efetivando-se com a chegada de elementos oriundos do Rio Grande do Sul.

Com a construção da estrada de ferro, estimulou-se a suinocultura, exportando-se os subprodutos para São Paulo, juntamente com outros artigos produzidos na região.

Separando-se a extração da madeira e da erva-mate atividades locais importantes, a agricultura é básica para a região.

Destaca-se o plantio de milho que está associado à suinocultura, bem como o cultivo de trigo, feijão, mandioca, uva, etc. O sistema de herança vem compartimentando as propriedades a partir desta década, fato que será mais notado em 1970.

Devido à criação de porcos, instalaram-se frigoríficos em Concórdia, Joaçaba e Videira. As cidades gêmeas de Joaçaba-Erval D'Oeste, encontram-se divididas pelo Rio do Peixe. Em 1950, Joaçaba era o centro mais importante da MR, mas perderá de longe tal posição em benefício de Concórdia.

2.2.3 - Paraná:

No Estado do Paraná, na década de 50, os mais altos graus de urbanização encontravam-se ao longo de uma diagonal, cujos pontos extremos são: Guaratuba, no litoral sul do Estado, a Porecatu, ao norte de Londrina.

Ao longo dessa faixa, o grau de urbanização é mais elevado no litoral e em Curitiba (40 a 50%), decrescendo em direção ao norte do Estado.

Em Campos de Ponta Grossa, declina para 30 a 40%; nas microrregiões do Norte Novo de Apucarana e de Londrina, alcança o ponto inferior da faixa, apresentando graus de urbanização limitados entre 20 e 30%. Esse grupo de microrregiões que se estende de norte a sudeste do Paraná, separa duas situações populacionais distintas.

A direita dessa faixa encontra-se o Paraná antigo e à esquerda, o Paraná moderno. A orientação da faixa é dada pela estrada de ferro, procedente de São Paulo, corta a região ao meio, dirigindo-se para o Rio Grande do Sul.

T A B E L A 4

PARANÁ: GRAU DE URBANIZAÇÃO E DENSIDADE
DEMOGRÁFICA, POR MICRORREGIÃO, NA DATA
DOS CENSOS DEMOGRÁFICOS, DE 1950-70

MICRORREGIÕES	GRAU DE URBANIZAÇÃO			DENSIDADE DEMOGRÁFICA		
	1950	1960	1970	1950	1960	1970
268 - Curitiba	49,4	75,4	79,9	29,4	58,5	93,7
269 - Litoral Paranaense	45,2	58,4	69,3	10,6	13,2	19,2
270 - Alto da Ribeira	9,8	9,6	8,3	7,4	7,4	8,6
271 - Alto R. Negro Paranaense	-	9,6	8,6	-	-	18,5
272 - Campos de Lapa	26,6	40,3	44,3	12,9	14,4	16,4
273 - Campos de Ponta Grossa	39,5	54,5	67,2	10,5	15,1	20,5
274 - Campos de Jaguariaíva	20,7	27,5	27,5	7,2	7,4	9,3
275 - São Mateus do Sul	14,2	14,9	18,3	15,7	14,6	16,7
276 - Colonial de Iratí	18,5	26,9	27,1	15,2	15,9	17,6
277 - Alto Avaí	7,7	11,5	8,4	7,1	8,0	12,4
278 - Norte Velho Venceslau Brás	16,5	21,7	22,8	15,2	23,9	32,3
279 - Norte Velho de Jacarezinho	18,9	26,2	34,6	36,5	47,7	52,5
280 - Algodoeira de Açaí	12,5	20,2	24,3	26,7	51,1	53,5
281 - Norte Novo de Londrina	27,0	33,0	48,8	30,0	58,9	67,3
282 - Norte Novo de Maringá	18,1	36,2	47,0	7,1	65,6	86,0
283 - Norte Novíssimo de Paranavaí	-	24,0	36,8	-	31,6	33,9
284 - Norte Novo de Apucarana	21,6	19,6	23,9	20,9	36,6	63,4
285 - Norte Novíssimo de Umuarama	-	19,3	21,7	-	18,2	47,5
286 - Campo Mourão	2,6	17,6	18,9	2,0	17,6	43,6
287 - Pitanga	1,8	8,8	7,6	4,7	9,3	15,7
288 - Extremo Oeste Paranaense	20,7	37,9	19,9	0,6	5,9	32,5
289 - Sudoeste Paranaense	-	18,4	17,9	-	19,7	38,4
290 - Campos de Guarapuava	9,0	18,2	26,7	5,9	8,2	11,7
291 - Médio Iguçu	13,1	29,6	37,2	5,8	9,3	12,0

FONT: F. IBGE. Censos Demográficos.

Portanto, a porção situada à direita da estrada de ferro, ao norte do Estado, é representada por uma área com maior predominância de população rural, nas microrregiões conhecidas como Norte Velho do Estado, incluindo a MR Algodoeira de Açaí. Nessa área, o grau de urbanização varia de 10 a 20%.

Os Campos de Jaguariaiva apresentavam população urbana superior ao grupo do Norte Velho do Estado. No Alto da Ribeira, área pobre, o grau de urbanização era inferior a dez por cento.

À esquerda da estrada de ferro, encontra-se dois terços do território estadual, onde o maior grau de urbanização registrado foi em Campos da Lapa (20 a 30%), no Extremo Oeste do Paraná, na fronteira com o Paraguai e ainda numa parcela do território que na década de 60 seria conhecido como o Norte Novíssimo de Umuarama.

Entre os Campos da Lapa e o Extremo Oeste, visualiza-se um grande vazio populacional, que veio influenciar o baixo grau de urbanização das comunidades aí estabelecidas (menos de 10%).

Analisa-se agora, com algum detalhe, as microrregiões do Estado do Paraná.

Na baixada litorânea, situa-se apenas a MR do Litoral Paranaense, com grau de urbanização de 45,2%. A ocupação da região apoia-se na agricultura, destacando-se a mandioca, além da cana-de-açúcar e algumas frutas. A população é escassa na faixa litorânea, dedicando-se à pesca. O maior centro da área é Paranaçuá.

Até os anos 70, a importância do porto dessa cidade crescerá continuamente, em vista da exportação da madeira, do café, da soja, além de funcionar como porto livre para a entrada e saída de mercadorias do Paraguai.

A MR de Curitiba, situada no Primeiro Planalto Paranaense, na linha de contato "mata-campo", possui atividade agrícola variada e o embrião de um parque industrial que será grandemente ampliado até a década de setenta.

Na ocupação humana dessa MR predominam elementos de origem estrangeira, tais como: descendentes de italianos, alemães e poloneses. A tradição agrícolas desses povos, manifesta-se na paisagem local.

Nas áreas de campo pratica-se a pecuária, pois a mata de pinheiros, com o tempo, foi erradicada. Curitiba é o maior centro industrial do Estado, consequência da receita oriunda do setor primário, notadamente do café, cultivado ao norte do Paraná.

Em 1950, a densidade populacional era de 29,4 para a MR e o grau de urbanização, de 49,4%.

Nos Campos de Ponta Grossa, o relevo é ondulado e a vegetação constitui-se basicamente de pastagens, tendo possibilitado o aproveitamento da área, desde a época colonial, com a pecuária extensiva, realizada em grandes propriedades. Cultiva-se o arroz, batata-inglesa e trigo.

Nota-se a presença marcante de colonos holandeses que dedicam-se à criação de gado leiteiro e à industrialização dos subprodutos do leite. Na agricultura, constata-se também a valiosa contribuição dos japoneses.

Ponta Grossa e Tibagi são os municípios mais populosos. Encontra-se instalada na área uma indústria de celulose. O grau de urbanização da MR era uma indústria de celulose. O grau de urbanização da MR era de 39,5% em 1950.

A MR do Norte Lovo de Londrina possuía grau de urbanização de 27%. Representava a maior importante área agrícola do norte do Estado, dedicada à lavoura cafeeira, intensiva em mão-de-obra. O meio rural da região fixa 73% da população total. Essa elevada presença humana é fruto do trabalho de colonização efetuada pela Cia. Terras do Norte do Paraná, construtora da estrada de ferro e de algumas estradas de rodagem, que possibilitaram a ocupação do interior da região.

Introduziu-se a cultura do café, em geral plantado nos espigões e suas encostas, enquanto a policultura e pecuária localizava-se nos vales.

Londrina é o centro urbano mais importante dessa MR, com indústrias alimentares, de óleos e celulose.

O Norte Novo de Apucarana foi desbravado e ocupado pela Cia. Colonizadora do Norte do Paraná. Os solos constituem-se de arenitos e da decomposição do basalto. A vegetação é formada por araucária e mata pluvial tropical.

A densidade demográfica é de 21 hab/km² e o grau de urbanização, de 21,6%. O centro mais importante é o de Apucarana.

Cultiva-se café, arroz, milho, soja e feijão. A produção escoava-se para São Paulo, pela "Rodovia dos Cereais" e pela "Rodovia do Café", para a cidade de Paranaçu.

As quatro microrregiões que seguem, localizam-se numa área de fraco dinamismo econômico no Estado, onde predominam atividades agrárias e a pecuária extensiva.

Registra-se pouca expressão urbana nas microrregiões do Norte Velho de Jacarezinho, Algodoeira de Açaí, Norte Velho de Venceslau Brás e Campos de Jaguaraiava, o grau de urbanização varia de 10 a 30%.

A principal área de cultivo do feijão no Paraná, encontra-se na MR do Norte Velho de Jacarezinho. A ocupação humana da área efetivou-se com a chegada de migrantes mineiros e paulistas. Cultiva-se além do algodão, milho e cana-de-açúcar. Os cafezais antigos estão cedendo espaço para as pastagens e a pecuária. A consequência é a liberação da mão-de-obra e a migração.

A presença de japoneses é marcante na MR Algodoeira de Açaí, onde o produto fundamental é o algodão. Cultiva-se igualmente ahortelã e o feijão.

O Norte Velho de Venceslau Brás é uma área de transição entre o norte agrário dos cafezais e os campos de pecuária extensiva. Nessa MR, destaca-se a suinocultura e o cultivo de milho. Os cafezais antigos estão sendo substituídos pelo algodão.

Em Campos de Jaguaraiava, caracteriza-se uma área de estagnação econômica. A principal atividade é a suinocultura, realizada pelo sistema "safrista", tal como ocorreu em Venceslau Brás.

No centro-norte do Estado, localiza-se uma grande região que é um vazio humano. Trata-se de área de planalto, coberta por matas e pastagens, com alguma atividade agrícola e madeireira, predominando as lides concernentes à pecuária extensiva.

Com relevo bastante acidentado e matas de araucária um tanto devastadas, caracteriza-se de modo geral o Alto Ivaí. O desmatamento foi consequência do processo de ocupação da terra, realizado pelos "safristas", utilizando-se do sistema de roça, abandonadas logo a colheita.

Na esteira desta população nômade ficava uma paisagem formada por capoeiras. Existem alguns núcleos de colônias com pequena propriedade. A população é rarefeita e o grau de urbanização, de 7,7%.

Solos derivados do basalto, cobertos de pinhais e mata pluvial subtropical, caracterizam a paisagem da MR de Pitanga. Foi ocupada por "safristas", agricultores itinerantes que usavam processos devastadores na exploração da terra, deixando um deserto por onde passavam. Nessa MR cultivava-se cereais e a criação de suínos é solta. Algumas serrarias da região representavam o único traço de beneficiamento do produto local.

Em Campo Mourão, os solos resultam da decomposição do "trapp", notando-se manchas de arenito Caiuá, que será motivo de preocupação vinte anos mais tarde.

A atividade lavoureira é restrita e a densidade demográfica, rarefeita. A maior riqueza da região consta das reservas de matas. A pecuária era pouco desenvolvida.

Nos Campos de Guarapuava, a paisagem típica é representada por relevo levemente ondulado, solos pobres, cobertos de pastagens e matas. A principal atividade é a pecuária extensiva.

Elementos de origem alemã, aí radicados, desenvolvem o cultivo de arroz. O aproveitamento da madeira é realizado por serrarias locais.

O Norte Novíssimos de Paranavaí é uma área de colonização dirigida pelo Estado, com lotes de pequeno tamanho. A intensa ocupação do solo, aliada ao desmatamento, acelerou o processo erosivo, facilitando o surgimento de voçorocas. Predominam as lavouras com cereais e soja. Procedeu-se à exploração madeireira e à pecuária extensiva.

Esse quadro será encontrado nas microrregiões do Extremo Oeste e do Sudoeste Paranaense. Nessa parte do território estadual o-

corre o contato das correntes migratórias constituídas por colonos e trabalhadores na agricultura, procedentes do Rio Grande do Sul e das Regiões Sudeste e Nordeste do Brasil.

Trata-se de área com grandes reservas florestais, onde a ocupação humana inicia o avanço final para abarcar o último espaço vazio disponível na Região Sul.

Em 1950, a região oeste do Paraná era demograficamente tão refeita, que as microrregiões do Norte Novíssimo de Paranavaí, Norte Novíssimo de Umuarama e Sudoeste Paranaense, atrelavam-se aos centros de influência de Maringá ao norte e Guarapuava, na porção central do Estado.

Na MR do Médio Iguçu, onde a exploração madeireira teve alguma repercussão, o processo econômico entrou em compasso de espera. Aproveita-se a erva-mate, produto nativo de certa abundância na área.

2.3 - GRAU DE URBANIZAÇÃO EM 1970:

2.3.1 - Considerações gerais:

Passamos a considerar essa situação na década de 70, uma vez que os progressos iniciados na evolução das cidades, no período de 50/60, vieram a consolidar-se nos anos setenta. Na década de sessenta, grandes contingentes humanos migraram para os centros urbanos maiores, localizando-se na periferia destes.

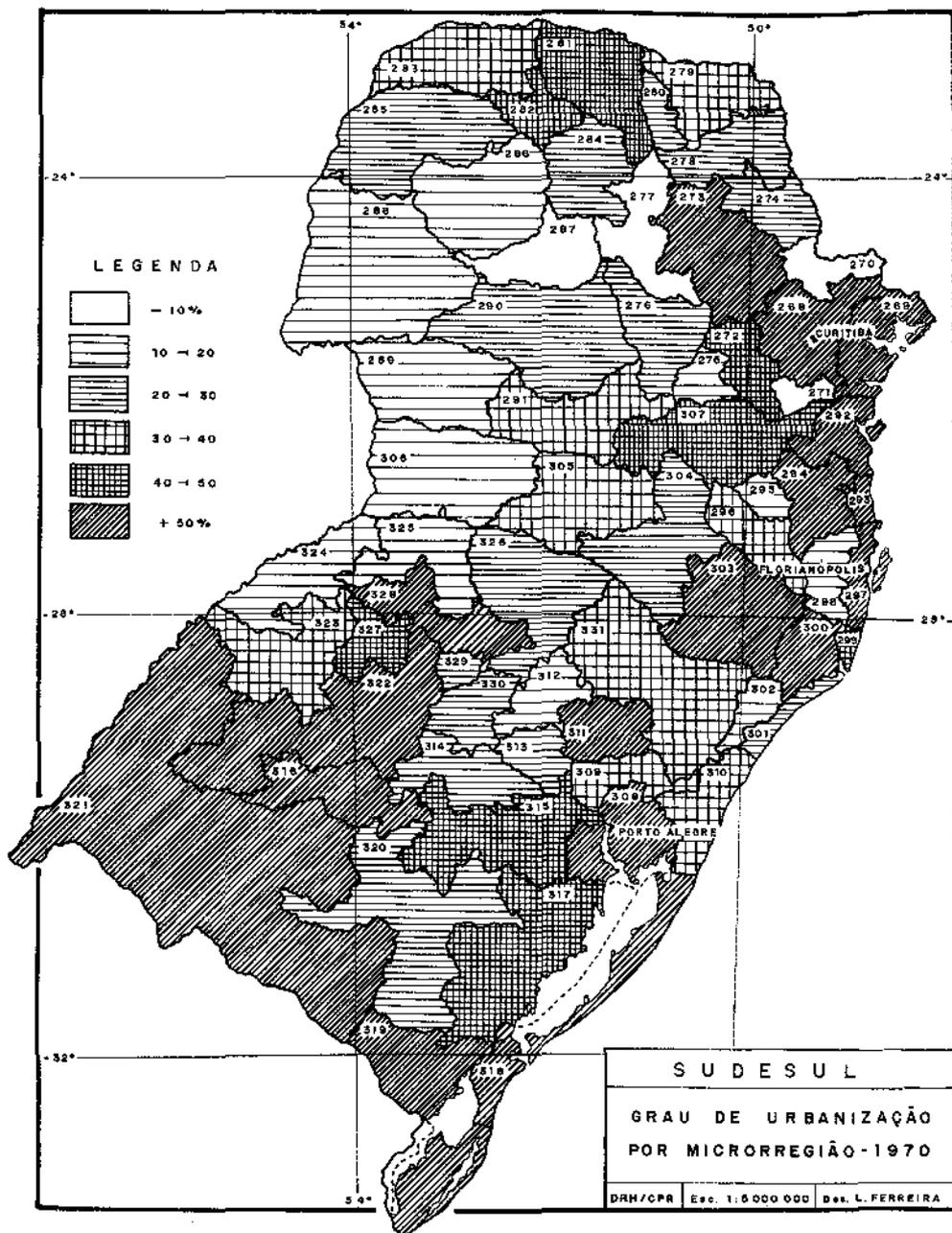
O crescente adensamento populacional possibilitou a "emancipação" política de diversos núcleos urbanos, que adquiriram status de cidade. Esse processo de fragmentação municipal atingiu o ápice a partir de meados da década de 60, amparados em legislação federal pertinente (Lei nº 5.172, de 25.10.66 e Dec-Lei nº 271, de 28.02.67).

Comparando-se as situações existentes entre 1950 e 1970, visualiza-se de imediato, a abrangência do processo de urbanização gaúcho, apresentando altas taxas de população residente em aglomerados urbanos localizados na estreita faixa do litoral sul do Estado, na RM de Porto Alegre, na área industrial e vinícola de Caxias do Sul, na região pampeana, na importante região triticultora e colonial do Rio Grande do Sul.

Sem dúvida que dezenas de nucleamentos populacionais beneficiaram-se da legislação anteriormente citada, utilizando-se convenientemente para a criação de unidades municipais em toda a Região Sul.

Em Santa Catarina, as áreas mais representativas quanto à população residente em núcleos urbanos, com grau de urbanização superior a 50%, foram: MR Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, de Florianópolis, Carbonífera e Campos de La-
ges.

No Paraná, a área do litoral apresenta igualmente elevado grau de urbanização, equiparado ao da RM de Curitiba e da MR dos Campos de Ponta Grossa.



2.3.2 - RIO GRANDE DO SUL:

Passando para a análise microrregional do Rio Grande do Sul, emerge de saída, a MR de Porto Alegre, assentada nas terras baixas drenadas pelo Rio dos Sinos e seus afluentes, formadores do Lago Guaíba.

Área densamente povoada, a característica principal é a industrialização, atividade dominante no eixo Porto Alegre-Novo Hamburgo.

As antigas colônias de alemães do Vale do Rio dos Sinos, projetaram-se na indústria do couro, constituindo no vale desse rio uma área com alta concentração de empresas calçadistas. Os ramos da metalurgia, siderurgia, de implementos agrícolas, alimentar, têxtil, etc., encontram-se distribuídos pelas diversas unidades integrantes da MR, que em 1970, detinha uma população de 1,5 milhão de pessoas, sendo 91% no meio urbano.

A MR Oriental da Lagoa dos Patos é a segunda do Estado quanto ao grau de urbanização: 73,6% em 1970. É uma região litorânea, com relevo plano e solos arenosos. A MR ainda em 1970, apresentava-se carente de estradas para escoamento da safra de cebola, que juntamente com o arroz, representa uma das riquezas locais.

A cidade de Rio Grande, um dos principais centros gaúchos, é bem servida pela rede viária. Centro industrial ligado à pesca, importante atividade do sul brasileiro, possui igualmente significativo setor terciário, destacando-se atividades ligadas ao comércio importador-exportador.

Com a implantação do novo porto e sua correspondente área industrial, a cidade serve como pólo de atração de correntes migratórias em busca de emprego.

Na MR da Lagoa Mirim, o grau de urbanização foi de 55%. Constitui-se de terras basicamente planas, com lagoas e banhados. A criação de ovinos é a primeira atividade, secundada pelo rebanho bovino. Cultiva-se arroz e milho.

Na MR da Campanha, predominam as grandes extensões de pastagens naturais e os rebanhos de ovinos e bovinos. Grandes propriedades, pouca ocupação da mão-de-obra, tornam a população rural rarefeita e a urbana, concentrada. Diversos frigoríficos encontram-se instalados na região. Desenvolve-se a agricultura mecanizada, cultivando-se arroz, trigo e soja. Recentemente foi iniciado o cultivo da vinha em Bagé, que juntamente com Uruguaiana representam as sedes municipais mais populosas. O grau de urbanização microrregional é de 67%.

A MR de Santa Maria situa-se na depressão central do Estado, limitando-se ao norte com o planalto basáltico e tendo ao sul a campanha.

Com exceção da parte norte, o relevo é levemente, ondulado, com pastagens e criação de bovinos. As lides agrícolas representam

atividades secundárias. É centro rodo-ferroviário estadual, mas sua influência mais significativa atualmente, emerge da Universidade Federal de Santa Maria, a cidade mais populosa da MR.

A MR Triticulora de Cruz Alta situa-se sobre o planalto. Apresenta relevo levemente ondulado, com pastagens, assemelhando-se às da campanha. Representa uma área de transição entre as pastagens do sul e as matas do Alto Uruguai.

A pecuária tradicional é fundamental na região, onde também encontram-se grandes frigoríficos. Desenvolve-se amplamente a prática agrícola, destacando-se o cultivo de trigo e soja, milho e batata-inglesa.

A existência de grandes propriedades com criação de gado, aliadas à mecanização da lavoura, auxiliou o processo migratório rural-urbano. Cruz Alta é a cidade mais populosa e importante da região.

Passo Fundo, além de importante centro urbano, é "sede" da MR que leva seu nome. Situada sobre o planalto basáltico, a paisagem ondulada predominante, apresenta-se entremeada de campos e alguns resquícios de mata.

A região é bem servida por rodovias e a economia é basicamente orientada pelo setor agropecuário. A pecuária extensiva é praticada em grandes estabelecimentos rurais e a lavoura mecanizada utiliza-se das modernas técnicas de cultivo.

Destacam-se as culturas de trigo, milho e soja. Pelas atividades desenvolvidas, poupadoras de mão-de-obra, constata-se o maior contingente humano residindo nas cidades, que em geral, não dispõem de trabalho para toda essa gente.

O resultado é a existência de um cinturão de favelas serpenteando as cidades, impossibilitadas de oferecerem emprego ou moradia para os migrantes.

Caxias do Sul é o centro da área industrial e vinícola da encosta do planalto basáltico. Trata-se de área colonizada por italianos e seus descendentes, que aí introduziram o cultivo da vinha (embora os alemães já a cultivassem), do milho, a suinocultura e uma incipiente indústria.

Esta atividade industrial crescerá, formando um forte par que industrial a partir da década de 50. A uva, cultivada principalmente em Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Caxias do Sul e Garibaldi, induziu à organização de grandes cantinas e cooperativas em carregadas de produzir e comercializar o vinho e suco de uva. O principal centro urbano e industrial da MR é a cidade de Caxias do Sul.

As microrregiões da Lagoa dos Patos e do Vale do Jacuí, aproximam-se dos 50% de urbanização. Enquanto a primeira tem seu principal centro em Pelotas, com pecuária, fruticultura e entrada no pêssego, indústrias de conservas e frigoríficos, lavouras de arroz, e cebola, a segunda, dedica-se especialmente à pecuária e à rizicultura, tendo como cidade principal Cachoeira do Sul.

Pelotas conta com porto fluvial e boa rede de estradas, servindo como ponto de ligação entre a campanha e o litoral. Na MR do vale do Jacuí encontra-se igualmente boa rede de estradas. Utiliza-se o transporte rodo-ferroviário, sem descurar-se o fluvial, possibilitado pelo rio Jacuí.

Em Ijuí encontramos os traços marcantes das áreas coloniais: pequenos estabelecimentos rurais, policultura, grande adensamento demográfico rural, etc. O grau de urbanização em 1970 era de 41%.

Com urbanização variando entre 30 e 40%, encontram-se as microrregiões que seguem: Colonial das Missões, Colonial da Encosta da Serra, Litoral Norte do Rio Grande do Sul e Campos de Vacaria.

Embora com percentuais urbanos próximos, essas microrregiões encontram-se em situações geograficamente opostas.

Das coloniais, a da Encosta da Serra, localiza-se entre a de Porto Alegre e a Vinicultora de Caxias do Sul. Na Encosta da Serra, além da pequena propriedade e da policultura praticada por alemães e italianos, desenvolve-se a pecuária leiteira de Porto Alegre. O cultivo da acácia resulta em importante fonte de renda. Montenegro conta com algumas indústrias e a partir desta década, sediará, juntamente com o município de Triunfo, o IIIº Pólo Petroquímico do país.

Também nesta MR, mas afastado do pólo, situa-se o eixo de Nova Petrópolis-Gramado-Canela, locais de artesanato e veraneio na serra.

Na MR Colonial das Missões, a ocupação inicial foi promovida através da pecuária extensiva, só mais tarde iniciou a colonização. Nas áreas de campos, com topografia suave, desenvolve-se o cultivo mecanizado de trigo-soja. Santo Ângelo é o Centro principal dessa região.

A MR do Litoral Norte do Rio Grande do Sul compreende a faixa da planície costeira, chegando até a escarpa do planalto basáltico. A região é "inundada" por vagas humanas durante os meses de verão. Cultiva-se cana-de-açúcar, banana e abacaxi.

Osório é o município mais populoso. Tramandaí, emancipado do primeiro, recebe os grandes contingentes humanos, devido à maior proximidade com a capital do Estado (a praia marítima de Tramandaí é uma das mais próximas de Porto Alegre).

Nos Campos de Vacaria, sobre o Planalto Meridional, domina a pecuária extensiva, com prolongamentos pelos Campos de Lages, em Santa Catarina. Há pouca utilização de mão-de-obra. As lavouras de trigo são mecanizadas.

Segue-se um elenco de microrregiões onde o grau de urbanização é inferior a 30%. Dentre essas, predominam as regiões onde vinhou o processo colonial, que devido ao parcelamento da terra, via herança, redundou em grandes áreas repletas de minifúndios.

Citam-se as seguintes: Colonial do Baixo Taquari, Colonial do Alto Taquari, Colonial de Santa Rosa, Colonial de Erechim, Fumicultora de Santa Cruz, MR de Soledade e a do Alto Camaquã, onde domina a pecuária extensiva: ovinos e bovinos, tendo-se detectado em sua área cristalina, a presença de jazidas minerais que poderão ser racionalmente exploradas.

2.3.3 - Santa Catarina:

Das seis microrregiões catarinenses com grau de urbanização superior a 50%, distinguem-se as seguintes características: duas são áreas coloniais que chamaríamos de "atípicas", devido ao nível de industrialização alcançado e pela concentração humana encontrada em seus núcleos urbanos, ao passo que a de Blumenau detinha 66% do contingente demográfico em situação idêntica.

Na porção litorânea, destacam-se as microrregiões de Florianópolis, mais ao sul e da do Litoral de Itajaí, ao norte. Ambas, pela beleza de suas praias, atraem grandes levadas populacionais durante os meses de verão. O Balneário de Camboriú, a mais famosa praia catarinense, situa-se no Litoral de Itajaí, MR que detém uma população urbana superior à da MR de Florianópolis.

A região Carbonífera catarinense praticamente iguala a população rural e a urbana, esta com pequena maioria. Trata-se de área extrativa mineral, concentrando a metade da população local.

Em Campos de Lages ocorre um adensamento humano mais significativo que o verificado em área limítrofe, a de Vacaria, no Rio Grande do Sul.

As atividades industriais desenvolvidas em Lages passaram a atrair população, ao mesmo tempo que o meio rural a liberava. A população urbana aproxima-se dos 60% do total da MR.

As microrregiões do Litoral de Laguna e do Planalto de Canoinhas, possuem graus de urbanização aproximado, embora geograficamente, localizem-se em regiões distintas; uma, na planície costeira, com terrenos arenosos, planos, entremeados de restingas e lagoas, onde a pesca de mar e a captura de camarão são atividades importantes ao passo que parte da mão-de-obra é atraída para as minas de carvão; a outra, no planalto tabular de Canoinhas, com ocorrência de ervais nativos (*Ilex Paraguaiensis*) e matas de pinheiros (*Araucária Angustifolia*), que orientaram as atividades econômicas no sentido do extrativismo e do beneficiamento dos seus produtos nativos.

O grau de urbanização para o Litoral de Laguna é de 42,6% e para o Planalto de Canoinhas, de 40,4%.

As microrregiões coloniais do Rio do Peixe e do Alto Itajaí, possuíam o mesmo grau de urbanização, estando separadas pela dos Campos de Curitiba, onde a população urbana é menor.

Na área Colonial do Rio do Peixe, com cerca de um terço da população residindo em nucleamentos urbanos, verificam-se algumas atividades de transformação, tais como a existência de frigoríficos, moinhos de erva-mate e indústrias de beneficiamento da madeira.

Na área Colonial do Alto Itajaí, predomina o beneficiamento de subprodutos da mandioca, registrando-se alguma atividade madeireira.

O menor grau de urbanização foi constatado na MR Colonial Serana Catarinense, onde mais de 90% da população encontra-se no meio rural. Campos de Curitiba, no planalto, entre a região de Lages e a Colonial do Rio do Peixe, registrou menos de um terço da população urbana.

Tal percentagem verificou-se também no Litoral do Sul do Estado, área de ocupação açoriana e até pouco tempo, local de difícil acesso, incluindo-se a MR Colonial do Sul Catarinense.

Na área Colonial do Itajaí do Norte, menos de 20% da população encontrava-se no meio urbano. Local de ocupação recente, pelo estabelecimento de colonos de origem italiana, predominavam atividades de lavoura e pecuária, pouco expressivas.

A MR Colonial do Oeste Catarinense, área de agropecuária em franca expansão durante a década de 60/70, mesmo sendo a mais afastada da capital, beneficiou-se com a implantação de rodovia asfaltada que atravessa o Estado no sentido dos paralelos, abrindo esta alternativa para a saída dos seus produtos em direção à Florianópolis e aos portos do Estado.

2.3.4 - Paraná:

No Estado do Paraná, os maiores percentuais de urbanização registraram-se na região litorânea e no planalto. Sobre as terras altas do Paraná, destacam-se as microrregiões de Curitiba e de Ponta Grossa, além da região do café, ao norte do Estado, onde manifesta-se um processo evolutivo dos setores secundário e terciário da economia, favorecedores de agrupamentos urbanos mais densos.

Nas regiões dos campos localizados na porção central do Estado e no oeste, onde dominam a pecuária ou as lavouras mecanizadas, a influência urbana é menor. Anote-se também que o Extremo Oeste do Paraná representa uma área de ocupação recente, com predominância de atividades extrativas da madeira, pecuária e lavoura, independentemente dos núcleos coloniais aí existentes.

A MR de Curitiba, apresentava em 1970 praticamente 80% da população residindo no meio urbano (Porto Alegre, 91% e Florianópolis, 67%). Pela função centralizadora de metrópole regional e detentora de um parque industrial, tal concentração populacional é mais que justificada.

Na MR do Litoral Paranaense, o grau de urbanização era de 69%. Nos Campos de Ponta Grossa, processa-se uma evolução industrial, paralelamente ao crescimento das atividades comerciais e à mecanização do meio rural.

Concentram-se desta forma, maiores contingentes humanos nas cidades. Do município de Ponta Grossa, cerca de 90% da população é considerada urbana.

Em direção ao norte do Estado, na tradicional região cafeeira, as microrregiões de Londrina e Maringá, possuíam cada uma, cerca da metade de sua população no meio rural e a outra parcela, em núcleos citadinos.

Durante os anos setenta, agravou-se a situação social dos extratos mais pobres da população, em virtude da evasão rural e com o surgimento de grandes levas de trabalhadores volantes na agricultura.

Nas microrregiões de Paranavaí e de Jacarezinho, embora espacialmente situadas em locais opostos e com base econômica diferenciada, a população urbana, aproximava-se dos 40%. A região de Paranavaí é área de ocupação recente, enquanto que a de Jacarezinho apresenta antiga região de exploração agropastoril tradicional.

Nas demais áreas do Paraná, em 1970 predominava amplamente a população rural. Esse é o quadro visualizado à esquerda das microrregiões de Curitiba-Ponta Grossa-Londrina.

Nesta grande área do Estado do Paraná, efetiva-se uma agricultura que se aprimora com rapidez, sendo possível a lavoura mecanizada de produtos com melhor cotação no mercado, como trigo e soja.

Nas áreas de agricultura tradicional, esse dinamismo é menos perceptível, pois as mudanças processam-se de forma lenta. A pecuária que de maneira geral era praticada pelo sistema extensivo, já apresenta melhoramentos na técnica criatória, tais como: seleção de rebanho, aumento das áreas com pastagens cultivadas e rotação de poteiros, sem descuidar-se dos tratamentos sanitários em geral.

Até os anos setenta, o sudoeste e o extremo-oeste paranaense, apresentavam grandes reservas de matas latifoliadas subtropicais, com abundância de madeiras-de-lei e palmito. Tais reservas foram devastadas.

Após a retirada dos melhores espécimes, ateava-se fogo e lançava-se o processo de cultivar a terra pelo sistema de roças. Nessas áreas, verificava-se a presença de centenas de famílias de nordestinos, com suas lavouras de subsistência.

A partir de meados de setenta, a única reserva significativa de floresta no oeste do Paraná era representada pelo Parque Nacional de Iguazu. Toda a cobertura vegetal nativa fora substituída pelas lavouras de soja, trigo e milho.

Pastagens cultivadas e rebanhos bovinos povoam o meio rural. Nota-se também a presença marcante de núcleo policultores coloniais. As cidades destas áreas apresentam parca estrutura urbana, pois a ênfase é dada aos melhoramentos necessários ao ambiente rural, fonte de riquezas regionais.

Grandes modificações serão verificadas em Foz do Iguaçu, no extremo oeste, devido à construção da Hidrelétrica de Itaipu, que a partir de 1974 começou a receber grandes contingentes de mão-de obra migrante afluindo em busca de trabalho.

O Extremo Oeste, em face disso, constatará igualmente algumas modificações urbanas importantes, necessárias ao apoio da gigantesca obra da barragem a realizar-se naquela parte do território estadual.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. FUNDAÇÃO IBGE. Divisão do Brasil em micro-regiões homogêneas 1968. Rio de Janeiro, 1970. 564 p.
2. _____. Subsídios à regionalização. Rio de Janeiro, 1968. 208 p.
3. REUNIÃO SOBRE MIGRAÇÕES INTERNAS, Porto Alegre, 1976. Relatório da Reunião sobre Migrações Internas. Porto Alegre, SUDESUL, DRH, UFRGS, 1976. 103 p.
4. SUDESUL. II Plano Nacional de Desenvolvimento; programa de ação do Governo para a Região Sul, 1975-79, versão preliminar. Porto Alegre, 1975. 217 p.
5. UFRGS. Áreas de expulsão de migrantes na Região Sul. Porto Alegre, SUDESUL, 1975. 184 p.
6. _____. Caracterização sócio-econômica de áreas rurais de expulsão e atração de migrantes. Porto Alegre, SUDESUL 1977. 168 p.
7. _____. O fenômeno migratório na Região Sul. Porto Alegre, SUDESUL, 1975. 110 p.
8. _____. Migrações internas na Região Sul. Porto Alegre, SUDESUL, 1974. 172 p.